

**O CIRCO E A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS EM SOLO BRASILEIRO**

**THE CIRCUS AND THE CURRICULARIZATION OF UNIVERSITY EXTENSION:
CHALLENGES AND PERSPECTIVES ON BRAZILIAN CONTEXT**

**EL CIRCO Y LA CURRICULARIZACIÓN DE LA EXTENSIÓN
UNIVERSITARIA: DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS EN CONTEXTO BRASILEÑO**

Rita de Cassia Fernandes¹
Terezinha Petrucia da Nóbrega²

Resumo: A pesquisa tece reflexões sobre o circo e a curricularização da extensão, entretidas pela visão de gestores de ações extensionistas de diferentes universidades brasileiras. O método se pautou na cartografia aliada à reflexão fenomenológica. Os achados sugerem que as iniciativas contrapõem a recorrente desqualificação deste cenário, mostrando os inúmeros produtos gerados, além da expansão e perenidade das ações.

Palavras-chave: Ensino Superior. Arte. Educação Física. Currículo. Cartografia.

Abstract: The research weaves reflections on the circus and the extension curriculum, interwoven by the vision of managers of extension actions from different Brazilian universities. The method was based on cartography combined with phenomenological reflection. The findings suggest that the initiatives counteract the recurrent disqualification of this scenario, showing the numerous products generated, in addition to the expansion and continuity of the actions.

Keywords: Higher Education. Art. Physical Education. Curriculum. Cartography.

Resumen: La investigación teje reflexiones sobre el circo y el currículo de extensión, entretidas por la visión de gestores de acciones extensionistas de diferentes universidades brasileñas. El método se basó en la cartografía combinada con la reflexión fenomenológica. Los hallazgos sugieren que las iniciativas contrarrestan la descalificación recurrente de este escenario, mostrando los numerosos productos generados, además de la expansión y continuidad de las acciones.

Palabras clave: Enseñanza superior. Arte. Educación Física. Currículo. Cartografía.

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. rita.miranda@ufu.br

² Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. pnobrega68@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A extensão universitária integra um dos pilares da Educação Superior brasileira e configura um locus formativo indispensável à qualificação docente e à formação dos estudantes, além de fazer a interlocução com a sociedade. Entretanto, nas últimas décadas, especialmente a partir do crescimento dos programas de pós-graduação brasileiros (ROSA; LETA, 2011), predomina em muitas universidades públicas a hipervalorização da pesquisa e da produção acadêmica. Neste ensejo, a instrumentalização do conhecimento se faz presente como resultado de atribuição de mérito acadêmico (SILVA; GONÇALVES-SILVA; MOREIRA, 2014), em detrimento do ensino e da extensão, o que parece oferecer alguns entraves a implementação e continuidade de muitas ações extensionistas.

A partir dos anos de 1980, o debate instituído pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), fundamentado na função social da Universidade, deu destaque ao conceito de extensão como processo acadêmico interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, indispensável à formação cidadã dos estudantes. Por certo, a extensão está assentada sob o princípio da indissociabilidade e promove a interação da Universidade com a sociedade (FORPROEX, 2012).

Do mesmo modo, parece imperativo localizar a própria extensão como um processo educativo integrado à matriz curricular dos cursos. Gadotti (2017) retoma a ideia da extensão como uma “via de mão-dupla” que se completa justamente por meio da “troca de saberes acadêmico e popular que tem por consequência não só a democratização do conhecimento acadêmico, mas, igualmente, uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade” (GADOTTI, 2017, p. 2). Pautada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, na relação dialógica com a sociedade e na perspectiva interdisciplinar de produção de conhecimento, a extensão se firma cada vez mais como atividade acadêmica que pode oferecer novos rumos e transformar a própria Universidade estabelecendo outros paradigmas. Ademais, a necessidade de colocar o estudante e a relação com a comunidade no centro do processo desafia as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras a revisitarem suas práticas, fundamentos e concepções extensionistas, historicamente de caráter assistencialista e ou mercantilista, frente as demandas da sociedade contemporânea.

O atual arcabouço legal firmado pela Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018 que estabelece as diretrizes para a extensão na Educação Superior Brasileira, regulamenta e determina um prazo para que a curricularização da extensão seja inserida nos Projetos Políticos-Pedagógicos dos cursos, tornando-a atividade acadêmica obrigatória para todos os estudantes (BRASIL, 2018).

Por certo, a recente implementação da curricularização da extensão, ou creditação (curricular), estratégia prevista no atual Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, estabelece, entre outros aspectos, que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos” (BRASIL, 2018) em programas e projetos de extensão universitária. Além disso, indica que a integralização deve ocorrer prioritariamente em áreas de grande pertinência social. Entretanto, parece ser que “para se compreender a finalidade de curricularizar a extensão é imperativo correlacioná-la à meta 12 que objetiva democratizar o acesso à educação superior, com inclusão e qualidade, prioritariamente dos jovens de 18 a 24 anos.” (IMPERATORE, 2019, p. 158).

Ora, ao refletirmos sobre as áreas de grande pertinência social como direitos humanos, justiça, educação, meio ambiente, saúde, cultura entre outras, direcionamos a presente discussão para o circo, mais especificamente no cenário da extensão universitária, processo este de implementação que tem se ampliado na realidade brasileira na última década, como atestam diferentes publicações (BARRAGAN *et al.*, 2016; SANTOS RODRIGUES *et al.*, 2020; TREVIZAN; CHAGAS; KRONBAUER, 2018; ZAIM-DE-MELO, 2020). Tais trabalhos fornecem alguns indicativos para considerarmos os processos de desenvolvimento das ações extensionistas, seus objetivos, fundamentos e públicos diversos. Além disso, possibilita analisarmos se a necessária coerência entre as práticas de ensino, pesquisa e extensão tem sido alcançada.

Por um lado, como aponta Santos Rodrigues *et al.* (2020) e Barreto; Duprat e Bortoleto (2021), é fato que o processo de democratização dos saberes circenses a partir da expansão de espaços formativos vem ocorrendo, por outro ainda carecemos de propostas pedagógicas que considerem a polissemia do circo em seus “aspectos históricos, artísticos, expressivos, estéticos, filosóficos, éticos e até mesmo de segurança” (SANTOS RODRIGUES *et al.*, 2020, p. 2). Neste sentido, identificamos

que os desafios político-pedagógicos e de gestão têm se tornado maiores e mais complexos, pois o debate sobre os desdobramentos da curricularização ainda é incipiente.

Desse modo, o presente trabalho busca tecer reflexões sobre o circo na extensão universitária, dando ênfase a questão da curricularização, seus desafios e perspectivas entreteídas por meio da visão de gestores de ações extensionistas de circo em diferentes universidades brasileiras.

2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A fenomenologia merleau-pontiana (1994) em diálogo com Deleuze e Guattari (1995; 1997), foi (re) orientando a trajetória desta pesquisa na qual a cartografia indicou alguns parâmetros que guiaram o trabalho numa postura de constante abertura, sem renunciar ao rigor dos métodos. Na tentativa de acompanhar processos em curso, esta pesquisa primou pelo refinamento da percepção aos movimentos da subjetividade e possibilitou experimentar diferentes dispositivos, deslocamentos de pontos de vista, ampliação do olhar para outras dimensões do objeto de conhecimento, ressaltando sua processualidade.

Para Souza e Francisco (2017, p. 120), tanto a fenomenologia como a cartografia são “epistemologias que põem em questão o modo de produção de conhecimento pautado nos direcionamentos e desdobramentos impingidos pelo cartesianismo positivista”. Nada está posto a priori nem tampouco há separação sujeito-objeto, pois tudo se faz no encontro e na reciprocidade, a fim de compreender o fenômeno em toda a sua complexidade por meio da experiência.

A atitude fenomenológica proposta por Merleau-Ponty se pauta no mundo vivido e se dirige ao ser no mundo, na relação com o outro. O foco recai na descrição do que se experimenta - do espaço, do tempo, do mundo vivido - antes de um pensamento elaborado e reflexivo. Para tal, a redução fenomenológica se fez necessária para interrogar a experiência e abrir novas possibilidades de significações (MERLEAU-PONTY, 1994).

Assim, ao entrelaçar a pesquisa bibliográfica fundamentada na literatura especializada à reflexão fenomenológica, por meio das imagens e de outros documentos, sendo eles projetos ou programas de extensão ligados ao circo nas

Instituições pesquisadas, optamos pela técnica do grupo focal (GATTI, 2005) com 5 coordenadores de ações de extensão universitária de diferentes Estados brasileiros. De acordo com a mesma autora, a técnica do grupo focal vem sendo bastante utilizada em diferentes áreas, inclusive nas pesquisas em educação, pois possibilita maior interação do grupo, detalhamento e profundidade nas respostas, bem como nas contradições e silenciamentos dos discursos. Quanto a operacionalização, “na condução do grupo focal, é importante o respeito ao princípio da não-diretividade” (GATTI, 2005, p.8), ou seja, o papel do mediador seria de criar condições para que as trocas e a interação dos participantes se estabeleçam de maneira fluente, abrindo perspectivas de análise. O aprofundamento da discussão e o respeito a multiplicidade de olhares sobre o fenômeno é tarefa do mediador que não busca consensos.

Cabe esclarecer que os seguintes critérios foram estabelecidos para participação no grupo focal: a) aceitar voluntariamente participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); b) atuar na coordenação da ação de extensão em circo há mais de dois anos e c) ter publicações na área do circo. Em relação aos participantes da pesquisa, realizamos um levantamento preliminar das IES brasileiras que poderiam oferecer ações de extensão relacionadas ao circo, partindo da identificação da origem de trabalhos publicados nos últimos anos. Salientamos que este levantamento foi realizado de forma assistemática para auxiliar nesta identificação e como parte do processo de busca de artigos realizado na base de dados do google acadêmico.³ Desse modo, estabelecemos o contato com os coordenadores das ações extensionistas por e-mail, a fim de verificar se havia interesse em colaborar com a pesquisa.

Quadro 1- Exemplos de publicações relativas a ações extensionistas desenvolvidas em diferentes IES brasileiras

PUBLICAÇÕES	INSTITUIÇÕES DE ORIGEM
BARRAGÁN, Teresa Ontañón; OLIVEIRA, Natália Araújo. Aprendendo a ensinar circo: a curricularização da	Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)/Ituitaba, MG.

³ <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

extensão universitária e seus impactos na formação dos discentes. Revista Conexão UEPG , v. 19, n. 1, p. 01-14, 2023.	
BARRAGÁN, Teresa Ontañón <i>et al.</i> O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. Pensar a Prática , Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/ Campinas, SP.
DE GÁSPARI, Jossett Campagna; SCHWARTZ, Gisele Maria. Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. Motriz. Journal of Physical Education . UNESP, p. 158-164, 2007.	Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Rio Claro, SP.
DE MELO, Rogério Zaim; RIZZO, Deyvid Tenner Souza; GOLIN, Carlo Henrique. A influência das atividades circenses na formação de professores de educação física: um estudo a partir de projetos de extensão. Revista Cocar , v. 13, n. 27, p. 1064-1079, 2019.	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)/ Campo Grande, MS.
LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; KRONBAUER, Gláucia Andreza. O circo e a educação dos corpos-crianças: possibilidades formativas com espaço para o pensar e o fazer divergente. Olhar de professor , v. 25, p. 1-21, 2022.	Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)/ Irati, PR.
MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; EHRENBERG, Mônica Caldas. Criando tempos e espaços para o circo na extensão universitária: a ludicidade e o brincar na infância. In: Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte . 2021.	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)/ Uberlândia, MG.
MELO, Rogério Zaim. Circo e educação física. Revista GeoPantanal , v. 18, n. 34, p. 209-221, 2023.	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)/ Campo Grande, MS.
SANTOS RODRIGUES, Gilson <i>et al.</i> A extensão universitária e as atividades circenses: notas sobre um encontro formativo. Revista Brasileira de Ciência e Movimento , v. 28, n. 2, p. 1-15, 2020.	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/ Campinas, SP.
TYSZKA, Saara; KRONBAUER, Gláucia Andreza. Circo e a extensão universitária: ensinar e aprender. Educação, Ciência e Cultura , v. 28, n. 2, 2023.	Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)/ Irati, PR.
TREVIZAN, Mayara; CHAGAS, Paula Izabella; KRONBAUER, Gláucia Andreza. Circo em Contextos–diálogos entre a cultura e a extensão universitária. Revista Conexão UEPG , v. 14, n. 1, p. 130-139, 2018.	Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)/ Irati, PR.
TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto. O que é ‘circular’? Fundamentos para metodologia de iniciação ao circo. Repertório , [S. l.], v.23, n.35, p. 87-114, 2020.	Universidade Federal do Paraná (UFPR)/ Curitiba/ PR

ZAIM-DE-MELO, Rogério. Vai, vai, vai começar a brincadeira: as atividades circenses na extensão universitária. Extensão , v. 18, n. 2, p. 178-185, 2020.	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)/ Campo Grande, MS.
---	--

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Buscando dar visibilidade ao mapeamento das ações extensionistas de circo das universidades brasileiras pesquisadas, elaboramos o quadro 2, no qual constam os projetos localizados em diferentes regiões (Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Nordeste), no total de nove. Obviamente, estas ações não esgotam outras espalhadas pelo Brasil e que, infelizmente, no tempo decorrido da pesquisa não foi possível identificar. Na última coluna do quadro, assinalamos aqueles coordenadores que aceitaram participar da pesquisa por meio da assinatura do TCLE, totalizando 5 projetos.

Quadro 2

Projetos de extensão identificados nas regiões brasileiras e ano de implementação das ações.

Projeto	Universidade	Localidade	Coordenador ⁴	Tempo [A1][A2]	Part.
A	UNICAMP	Campinas/ SP	Mateus	2006	X
B	USP	São Paulo/ SP	Paulo	2011	
C	UNESP	São Paulo/ SP	Laura	2010	
D	UFPR	Curitiba/ PR	Benjamin	2009	X
E	UNICENTRO	Irati/ PR	Gabriela	2010	X
F	UFMS	Campo Grande/ MS	Rafael	2018	X
G	UFF	Rio de Janeiro/ RJ	Eva	2018	X
H	UFAL	Maceió/ AL	Icaro	-	
I	UFU	Uberlândia/MG	Aline	2000	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para a condução do grupo focal, a proposta inicial era realizar de duas a três sessões de trabalho [A3][A4] com duração máxima de 1 hora e 30 minutos no formato remoto com os participantes do grupo focal, algo que parecia bastante desafiador, pois poderiam surgir algumas dificuldades para conciliar as agendas e as inúmeras demandas dos docentes em suas universidades. Além disso, o formato possível dos encontros ia na

⁴ Os nomes dos coordenadores assim como dos projetos são fictícios.

contramão do que propunha Gatti (2005), ou seja, não havia condições objetivas de encontros presenciais de modo a favorecer uma interlocução direta. Primeiramente porque cada docente é de um Estado diferente do Brasil e, em segundo lugar, porque naquele período ainda havia algumas restrições quanto à pandemia.

De fato, foi possível concretizarmos três encontros online agendados previamente e realizados entre os meses de dezembro de 2021 e março de 2022. Houve a participação de uma docente colaboradora que atuou como observadora na primeira sessão, dois docentes observadores na segunda e um observador na última sessão, os quais foram se revezando durante os encontros, tendo como tarefa trazer suas impressões sobre a interação do grupo, os silenciamentos percebidos, o debate de forma geral entre outros aspectos que julgassem relevantes (GATTI, 2005).

O percurso do grupo focal se estabeleceu do seguinte modo: no primeiro encontro fizemos somente o acolhimento dos participantes, detalhamento dos objetivos da pesquisa e solicitação de envio do TCLE, caso aceitassem participar da pesquisa. Neste encontro de acolhimento participaram seis docentes, sendo que 5 aceitaram contribuir com a pesquisa. Para as outras sessões de trabalho, solicitamos o envio do projeto ou programa para detalhamento dos objetivos e metas, público-alvo atendido, produtos gerados entre outras informações, além de ter como base para o debate o roteiro com algumas questões orientadoras pautadas nos objetivos da pesquisa a fim de orientar a discussão. Na primeira sessão do grupo focal houve um número maior de docentes, no caso, cinco participantes. Na segunda sessão participaram quatro docentes e na última apenas dois puderam estar presentes.

No processo de redução fenomenológica foram considerados alguns documentos das ações cedidos pelos docentes, além de seus relatos por meio da escuta sensível das vozes matizadas nas histórias de vida. Tal processo pautado no método fenomenológico sinaliza que o corpo e o circo se constituem também como pontes para a experiência do irrefletido, o exercício do olhar atento que abre horizontes de significação pois “são as próprias coisas, do fundo de seu silêncio, que deseja conduzir à expressão” (MERLEAU-PONTY, 2003, p.16).

Depois de finalizado o processo de transcrição dos encontros remotos realizados com o grupo focal, o material foi encaminhado aos coordenadores dos projetos, a fim de que os mesmos tivessem ciência dos relatos e caso desejassem poderiam modificar o

texto. A partir daí, foram realizadas várias leituras completas dos textos transcritos, buscando elucidar significações frente as proposições da pesquisa. Neste movimento, imersas no mesmo mundo que cerca o fenômeno, destacamos passagens e falas recorrentes que mais chamaram atenção considerando os objetivos da pesquisa já expostos, a fim de configurar as Unidades de Significado.

Na relação com o material, a leitura foi realizada por meio de duas grandes categorias balizadas pelo contexto da extensão universitária, quais sejam: *a experiência do corpo no circo; o (não) lugar do corpo e do circo*. Este processo se deu por meio de uma irredutível atenção não somente ao dito conforme já afirmamos, mas também aos silenciamentos e contradições contidos nas falas dos participantes. O sobrevoos necessário do pesquisador para ver brotar as transcendências e que precisa “sair da ilha para ver a ilha”⁵, a fim de tomar distância e distender “os fios intencionais que nos ligam ao mundo para fazê-los aparecer” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 10).

Neste texto, focaremos as análises nas questões surgidas a partir do debate sobre o circo na extensão universitária e a curricularização nas IES pesquisadas. No próximo tópico, trazemos algumas experiências extensionistas mapeadas pela produção acadêmica brasileira dos últimos anos.

3 PISTAS PARA SITUAR O DEBATE SOBRE O CIRCO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

Quando se localiza a presença do circo no âmbito da extensão universitária, a literatura atual já apresenta muitos relatos de experiências, pesquisas e algumas propostas, indicando em que medida este contexto tem acolhido as ações extensionistas (BARRAGAN *et al.*, 2016; DE GÁSPARI; SCHWARTZ, 2007; DE MELO; RIZZO; GOLIN, 2019; SANTOS RODRIGUES *et al.*, 2020; TREVIZAN; CHAGAS; KRONBAUER, 2018; ZAIM-DE-MELO, 2020).

Aliás, é notório o profícuo diálogo que vem se estabelecendo entre a educação física e o campo da arte, possibilitando a construção de conhecimentos alicerçados por novos olhares sobre o corpo, o gesto e a expressividade, onde a extensão vem se

⁵ Alusão a José Saramago em “O conto da ilha desconhecida”.

beneficiando deste movimento de aproximação e trocas de experiências como sugerem os trabalhos anteriormente citados.

Dentre estas experiências, destacamos as pesquisas de Santos Rodrigues *et al.* (2020) e Barragan *et al.* (2016) que analisam o mesmo projeto de extensão universitária em curso há mais de 15 anos em uma universidade pública brasileira no interior do Estado de São Paulo, o qual tematiza o circo para crianças de 6 a 12 anos. A primeira pesquisa apontada de natureza qualitativa, realizou observações de campo durante um semestre letivo (16 encontros) e entrevistas semiestruturadas com os monitores e com o coordenador do projeto. Os resultados apontam a diversidade de participantes, quer sejam em formação acadêmica ministrando as aulas (graduados e pós-graduandos em Educação Física), além de receber as contribuições de um coletivo de estudiosos do Circo (artistas, historiadores, pedagogos). Quanto à questão das ações pedagógicas, essas estão fundamentadas numa diversidade de fontes de conhecimentos, bem como na ludicidade por meio dos jogos e brincadeiras. Ressaltamos também a diversificação de práticas circenses trabalhadas com foco na expressividade, criatividade e criticidade inspirando outras propostas educativas. Por fim, identificamos que o projeto implementado há mais de uma década tem construído caminhos que favorecem o diálogo e a composição arte circense/Educação Física escolar, desconstruindo estereótipos e contribuindo para que o circo na universidade se torne cada vez mais o contexto real onde novos praticantes, profissionais e pesquisadores comunguem desta arte com toda a atenção, respeito e engajamento que ela merece.

O trabalho de Trevizan, Chagas e Kronbauer (2018) discute as experiências desenvolvidas no projeto de extensão “Circo em Contextos”, do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, campus Irati, Paraná, desde sua implementação em 2010. A pesquisa documental e autobiográfica traz relatos das atividades desenvolvidas para diferentes públicos, suas produções, parcerias, além dos diálogos com grupos de pesquisa, por meio de entrevistas com integrantes e ex-integrantes do projeto. Atualmente, o projeto oferece oficinas circenses para a comunidade acadêmica da Instituição, com o foco na experimentação e nos aspectos pedagógicos para o ensino das técnicas circenses. Concluiu-se que o projeto alcançou proporções ainda maiores do que os objetivos esperados e se tornou um espaço ímpar para a experimentação, vivência e

reconhecimento do circo como uma importante manifestação cultural, com impacto na formação docente.

Outro artigo publicado (DE MELO; RIZZO; GOLIN, 2019) mostra os resultados obtidos pelo projeto de extensão “Ginástica Geral e Atividades Circenses” do curso de Educação Física do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) implementado em 2018. Foram analisados no texto além dos resultados, a população atingida e os produtos gerados. O projeto foi criado com a intenção de ampliar a formação dos acadêmicos e, ao mesmo tempo, oferecer aos acadêmicos dos outros cursos e comunidade externa a possibilidade de conhecer e vivenciar as atividades circenses (aprendizado de habilidades técnicas - principalmente as gímnicas) e capacidades físicas necessárias para sua execução, uma educação estética no que concerne a formas e gestos, além de instigar a criatividade artística. Quanto ao público direto atingido foram: 4 acadêmicos do curso de Educação Física (equipe de execução); 25 acadêmicos do campus Pantanal (sendo dois do curso de Psicologia, um de Administração de Empresas e 29 de Educação Física), 19 alunos do IFMS, 10 alunos da rede pública de ensino e dois alunos da rede particular; e indiretamente 1.700 pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos, que assistiram as apresentações. Concluiu-se que durante o primeiro ano do projeto foram realizadas quatro apresentações artísticas, criado um grupo de estudos e pesquisa, quatro trabalhos apresentados em congressos e três trabalhos de conclusão de curso foram desenvolvidos.

Já Tucunduva (2020) analisa as experiências com o circo no projeto de extensão Cirthesis – Grupo de Extensão e Pesquisa em Pedagogia do Circo do Departamento de Educação Física (DEDFIS), Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Propõe-se uma metodologia para iniciação ao circo fundamentada na questão “o que é circar?”. Assim, a proposta criou orientações pedagógicas para a iniciação artística que: a) utilizam as teorias do jogo como recurso didático no processo de criação e aprendizado; b) identificam bases para a educação gestual e expressiva as qualidades estéticas comuns ao espetáculo circense (o risco, o sublime, o grotesco e o cômico); c) orientam a integração desses aspectos ao aprendizado de acrobacias e malabarismo por meio de recursos técnicos da dança educativa, do teatro gestual/físico, da rítmica e de práticas de condicionamento físico. O

resultado desta pesquisa soma-se as investigações teóricas e descoberta de amplos horizontes para a produção pedagógica em torno da iniciação ao circo.

De Gáspari e Schwartz (2007) relatam a proposta interdisciplinar viabilizada no segundo semestre de 2006 na Universidade Estadual Paulista, UNESP-Rio Claro, Departamento de Educação Física. As autoras analisaram o curso de extensão “Vivências em Arte Circense” que teve como público-alvo as comunidades locais e foi desenvolvido pelo Laboratório de Estudos do Lazer, do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista (Unesp - Rio Claro/SP). A pesquisa analisou os motivos de aderência e as expectativas de jovens universitários para com as vivências em arte circense. Os resultados da pesquisa mostraram as categorias física, social, intelectual, psicológica, profissional e pessoal. Quanto às expectativas, elas foram positivas no sentido de valorizar as relações interpessoais, mostrando a relevância deste tipo de ação e suas potencialidades lúdicas.

Como foi possível notar, diferentes autores têm publicizado suas experiências pedagógicas com o circo na extensão universitária, ressaltando suas dificuldades, motivações, potencialidades e limites à medida que vão criando e sedimentando interfaces entre o ensino, a pesquisa e a extensão. A troca de conhecimentos com outros agentes sociais e a participação ativa da comunidade acadêmica, reforçam no currículo a natureza extensionista em busca da construção de uma sociedade mais coesa e democrática.

Neste sentido retomamos Santos (2004) ao afirmar que:

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no currículo e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

De fato, é notório que a extensão pode propiciar não apenas um, mas diferentes cenários para o circo na Universidade, concedendo a visibilidade tão desejada tecida em múltiplas possibilidades educativas para o corpo. Urge pensar a extensão não mais como um apêndice, mas como parte do fazer estruturante na Universidade, uma

via de “mão dupla” que possibilita a troca de saberes, a construção de uma sociedade menos excludente e mais igualitária orientada pela democratização do conhecimento acadêmico (GADOTTI, 2017; MAGALHÃES; MARTA, 2020).

Nesse sentido, a curricularização da extensão poderá se firmar como possibilidade de articulação entre teoria e prática, fomentando o diálogo entre as disciplinas dos cursos e os programas e projetos extensionistas, oferecendo aos graduandos uma inserção mais coerente e contextualizada a realidade de seu campo profissional durante a formação inicial por meio de diferentes experiências.

4 O CIRCO E OS DESAFIOS DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

Parece ser que a extensão se configura de fato como uma profícua porta aberta que tem contribuído para a consolidação do circo na Universidade. A própria LDB - Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) e todo o arcabouço legal já referido reforçam o preceito constitucional de 1988, retomando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, aspectos fundamentais para a presente análise, os quais foram explicitados na fala do professor Mateus: “Eu acho que a extensão tem esse papel importante de não só receber o circo na universidade, mas de fomentar e criar território, espaço próprio, argumento para ele ocupar o ensino, ocupar a pesquisa. Foi assim que começou na nossa própria faculdade” (Prof. Mateus – Projeto A, grupo focal, 2022).

Apesar deste panorama, quando nos referimos ao processo da curricularização, identificamos que não há uma compreensão aprofundada acerca dos pressupostos, objetivos e dos inúmeros desafios deste processo para a maioria dos docentes, até porque se trata de algo recente, complexo e que não foi amplamente refletido pela comunidade acadêmica. Como nos apontam Magalhães e Marta (2020, p. 28), parece necessário repensar também os objetivos, os fundamentos e demais finalidades da extensão, pois “o processo para a implantação da curricularização da extensão deve atender a necessidade de duas vertentes: no âmbito do compromisso social e no da inovação acadêmica”. Em especial quanto à questão da inovação acadêmica, os mesmos autores indicam a necessidade de uma leitura atenta dos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI), dos Projetos Político-Pedagógicos dos Cursos (PPC) para que as

mudanças necessárias sejam realizadas de forma que se reconheça a extensão como componente formativo.

Na mesma direção, os desafios que a curricularização apresenta dentre os quais o cumprimento do princípio da indissociabilidade, conclamam a universidade para uma análise mais ampla da extensão, revendo as próprias concepções de educação, por meio de uma mudança radical na forma de compreender os componentes curriculares. Em consonância aos indicativos de Ribeiro, Mendes e Silva (2018, p.336) destacamos que:

São muitos os dilemas inerentes ao processo de inserção da extensão nos currículos, evidenciando ainda mais a distância do dito pelo que é, ou seja, mesmo sabendo que o princípio da indissociabilidade é parte discursiva dos Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação das universidades brasileiras, a realidade é outra, uma vez que a indissociabilidade, preceito constitucional, ainda não faz parte da formação de muitos alunos.

Portanto, faz-se necessário avançar no sentido de ultrapassar a simples inserção burocrática, seja como componente curricular específico ou inserido em algum outro, visto que muitos docentes ainda não vislumbram as vias de operacionalização deste processo como aponta a fala do professor Rafael: “Mas esse processo eu ainda não consigo enxergar como vai acontecer. Nós não conseguimos ainda sentar e conversar com a universidade. A universidade só disse que nós temos que fazer, ela não nos mostrou as ferramentas” (Professor Rafael, Projeto F, grupo focal, 2022).

Todavia, há sempre que se considerar os riscos que este processo pode trazer, caso os pressupostos de currículo, os objetivos e os processos formativos não sejam revisitados para a efetiva inserção curricular da extensão ou até mesmo, suprimido o esforço em se pensar na transversalidade entre a extensão, a pesquisa e o ensino de maneira dialógica com a sociedade, destruindo a potência da extensão para agregar distintas realidades (DALMOLIN; VIEIRA; BERTOLIN, 2019).

Algo semelhante fica evidente nas considerações do professor Mateus sobre a curricularização, afirmando que “a extensão deixa de ser o espaço da complementaridade, fazer porque eu quero, um espaço onde eu quero aprender mais, onde eu quero projetar minha formação para além do que o curricular permite, para um espaço fajuto, fake de cumprir horas” (Prof. Mateus, Projeto A, grupo focal, 2022). Portanto, mais do que um espaço para vivenciar e “fazer circo”, a extensão que é parte

do tripé acadêmico, precisa problematizar, desnaturalizar e questionar concepções cristalizadas sobre o corpo e o próprio circo.

Para isso, o fortalecimento do circo na extensão como um contexto não só de denúncia, mas de anúncio de novas metodologias fundamentadas em propostas que tenham como premissa o respeito à diversidade de saberes e de culturas nos processos educativos, científicos, artísticos, culturais e tecnológicos é real e necessário na busca de uma universidade socialmente referenciada e plural. Na mesma direção, abraçamos o desafio lançado por Bortoleto e Silva (2017, p. 114) quando os autores pontuam que “tornar o circo perene não é uma pretensão prepotente, mas um esforço necessário de todos, das famílias circenses às escolas de circo, das universidades aos governos (municipais, estaduais e federal)”.

Entendemos que a necessária reestruturação curricular precisa colocar em destaque o compromisso social da universidade, à medida que as ações extensionistas valorizem as necessidades, os anseios e as particularidades da comunidade e seu entorno, em consonância às demandas institucionais. Ora, sabemos que, infelizmente, ainda hoje, a extensão não tem se mostrado capaz de alcançar a formação integral de muitos estudantes, desafiando a gestão universitária e colocando em xeque o papel e a função da universidade.

Como nos alerta Imperatore (2019), urge fugir de soluções simplistas e superficiais que comprometem não somente a práxis, mas todo o legado da extensão, assumindo uma postura de constante vigília para que as propostas se legitimem por meio de ampla participação docente com o devido respaldo institucional, tendo como objetivo superar também a ideia da sala de aula como o único espaço possível de aprendizagem.

Com efeito, as muitas iniciativas com o circo na extensão espalhadas pelo território brasileiro contrapõem a recorrente desqualificação deste cenário que ainda parece persistir no meio acadêmico. Pudemos identificar, não somente os inúmeros produtos gerados, a diversificação dos públicos atendidos além do tempo de atuação das ações extensionistas, mas as necessárias reorientações de percurso, os desafios e os entraves para a expansão e perenidade destas ações, a partir da problematização de contextos reais de prática e intervenção. Exemplo nítido disso, foi a continuidade ou não das atividades extensionistas em tempos de pandemia, processo este desenhado por

meio dos relatos apresentados, nos quais a resiliência, a colaboração e a mobilização das equipes extensionistas foi notória neste período tão particular e, ao mesmo tempo, tão abrupto da história.

Por ora, localizar a expressa presença do circo na extensão parece ser fundamental para este mapeamento, embora se reconheça que há muito o que se fazer e avaliar de forma quali-quantitativa, em especial na construção de indicadores, instrumentos avaliativos e de mecanismos de autoavaliação. Ao mesmo tempo, importa ampliar o potencial de oferecimento das atividades de extensão em circo, pois a demanda é crescente e muitas vezes, as condições objetivas (materiais, monitores, docentes envolvidos, infraestrutura) não favorecem. “Porque seria fantástico ter 500 turmas, 5000 pessoas fazendo. Porque demanda tem, a demanda é gigantesca. Na medida em que eu vou abrindo turmas vai chegando gente, alunos têm” (Prof. Mateus, Projeto A, grupo focal, 2022). Evidentemente, a expansão das ações não pode implicar na precarização do trabalho realizado, algo apontado pelos próprios coordenadores das ações, o que num futuro próximo poderia depor contrariamente à coerência das propostas e metas em longo prazo.

5 APONTAMENTOS FINAIS

Retomando os objetivos da pesquisa, salientamos que os desafios que a curricularização da extensão apresenta, a qual em nossa visão precisa ser mais discutida e problematizada, conclamam a universidade pública brasileira a compreendê-la em um contexto mais amplo, ultrapassando a simples inserção burocrática. Este movimento requer diálogo e sinergia entre as Pró-Reitorias de Extensão e de Graduação, para que se estabeleça um caminho mais uniforme e coerente de atuação em relação às atividades extensionistas.

Inferimos que nos cursos onde há o oferecimento de disciplinas obrigatórias ou eletivas que permitam o contato com temáticas emergentes, como é o circo, além da formação de grupos de estudo/pesquisa, realização de projetos de extensão e outras ações acadêmicas poderá fomentar tais temáticas e, por conseguinte, sua implementação na ação dos profissionais formados nessas instituições. Outra questão que permite uma breve reflexão está relacionada ao fato de que a ausência de cursos superiores específicos em circo no Brasil pode incentivar a participação dos professores de

educação física na tematização destes saberes, cujo perfil de formação é um dos que mais se aproxima.

Do mesmo modo, identificamos que a extensão universitária brasileira precisa ainda olhar com mais atenção para o circo, a fim de que as propostas não se restrinjam a vivência, mas possam propiciar a contextualização dos saberes, a experiência de presenciar a diversidade artística, seja por meio de visitas de artistas, espetáculos, pesquisas, vídeos entre outras possibilidades que valorizem a interação com a comunidade acadêmica, sublinhando o potencial educativo e expressivo do circo.

Entretanto, a pesquisa revelou que muitas gretas já foram ocupadas pelo circo na Universidade e uma delas certamente é a extensão, alimentadas, sobretudo, pelo sério compromisso dos coordenadores das ações no fazer docente, em diálogo com a tradição. Esse panorama parece ter encorajado, inclusive estudantes egressos destas universidades, seja para o caminho da profissionalização artística, ou mesmo a incorporarem tais práticas nas instituições escolares, projetos, academias de ginástica e tantos outros contextos que o circo habita na contemporaneidade (MIRANDA; AYOUB, 2017).

Ficou nítido que a extensão também tem contribuído para que o “fazer circo” se torne uma opção mais acessível para diferentes públicos, seja com objetivos recreativos, ou mesmo, voltados para a formação artística/profissional, possibilitando pensarmos nesta arte como meio de educação do corpo, de uma educação artística e estética (BORTOLETO, 2011). Vislumbramos inclusive que tal cenário num futuro próximo poderá operar mudanças na própria leitura que a sociedade faz do circo. Sem falar nas barreiras que ainda encontramos para sermos contemplados com recursos, bolsas, materiais de consumo etc.

Nos casos investigados, a participação comprometida e porque não dizer ousada dos docentes e discentes nas ações extensionistas, de ensino e de pesquisa tem contribuído para sua consolidação. Limpar e organizar a sala de materiais, carregar colchões, construir artesanalmente ou, até mesmo, “tirar dinheiro do próprio bolso” para custear materiais ainda é uma realidade presente na rotina de muitos profissionais que atuam no ensino do circo.

Ademais, a pesquisa mostrou que cartografar é habitar um território existencial, no qual aprendizes de circo e pesquisadores se constituem num movimento de

coemergência, superando posições estanques, a fim de realçar o circo em toda sua inteireza e transversalidade. Preceitos que se encontram em consonância a fenomenologia merleau-pontiana que sempre nos instiga a assumir novas formas de ver e viver o mundo, lidar com as contingências movediças do cotidiano e perceber que a pesquisa é sempre uma síntese inacabada.

Quanto ao reconhecimento dos limites desta pesquisa, pontuamos que algumas questões tais como: as dificuldades percebidas pela participação no formato virtual do grupo focal, por exemplo, uma possível dispersão percebida com o avançar do tempo ou mesmo problemas de conexão; a participação dos docentes ao longo dos encontros que foi diminuindo por motivos diversos; o provável “não alcance” de outras ações extensionistas de circo que não foram identificadas por meio do levantamento dos trabalhos no início da pesquisa entre outros aspectos, auxiliam na contextualização do estudo, fornecendo elementos relevantes de análise para futuras pesquisas, além de suas contribuições para o campo.

Cabe agora a nós, partícipes desses processos na Universidade, favorecer a troca de experiências, a democratização e o aprofundamento dos conhecimentos dos estudantes em formação inicial, bem como dos demais atores das ações extensionistas, no intuito de que possamos num futuro próximo falar sem estranhamento do circo em tantos outros contextos educativos antes impensados.

REFERÊNCIAS

BARRAGÁN, Teresa Ontañón *et al.* O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.19, n.1, p. 42-55, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/rpp.v19i1.35857>. Acesso em: 11 mai. 2022.

BARRETO, Mônica (Lua); DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. De norte a sul: mapeando a formação em circo no Brasil. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v.3, n. 42, p.1-32, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/1414573103422021e0210>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis/SC, v.2, n.2, p.43-55, jul. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277747022_Atividades_circenses_notas_sobre_e_a_pedagogia_da_educacao_corporal_e_estetica. Acesso em: 10 mai. 2023.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SILVA, Ermínia. Circo: educando entre as gretas. **Rascunhos**, v.4, n.2, p. 104-117, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v4n2a2017-07>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 04 out. 2021.

BRASIL. **Resolução nº. 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº. 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e das outras providências, 2018. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 15 set. 2021.

DALMOLIN, Bernadete Maria; VIEIRA, Adriano José Hertzog; BERTOLIN, Julio Cesar Godoy. Gestão e curricularização da extensão em uma universidade comunitária: do requisito acadêmico aos desafios da implementação. *In*: CERETTA, Luciane Bisognin; VIEIRA, Reginaldo de Souza. **Inserção curricular da extensão: aproximações teóricas e experiências**: vol.VI. Criciúma (SC): UNESC, 2019. p. 55-86. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/7054>. Acesso em: 13 jul. 2022.

DE GÁSPARI, Jossett Campagna; SCWARTZ, Gisele Maria. Vivências em artes circenses: motivos de aderência e expectativas. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 158-164, 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-482271>. Acesso em 10 jul. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DE MELO, Rogério Zaim; RIZZO, Deyvid Tenner Souza; GOLIN, Carlo Henrique. A influência das atividades circenses na formação de professores de educação física: um estudo a partir de projetos de extensão. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 1064–1079, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2885>. Acesso em: 11 out. 2023.

FORPROEX - Fórum De Pró-Reitores De Extensão Das Instituições De Educação Superior Públicas Brasileiras. Plano Nacional De Extensão Universitária. Política Nacional de Extensão Universitária. 2012. <http://www.renex.org.br/documentos>

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê? Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: [Extensão Universitária - Moacir Gadotti fevereiro 2017.pdf](https://www.instituto-paulo-freire.org.br/revista/revista-universitaria-moacir-gadotti-fevereiro-2017.pdf)

(paulofreire.org). Acesso em: 2 ago. 2020.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

IMPERATORE, Simone Loureiro Brum. **Curricularização da extensão: experiência da articulação extensão-pesquisa-ensino-extensão como potencializadora da produção e aplicação de conhecimentos em contextos reais**. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

MAGALHÃES, José Augusto; MARTA, Sara Nader. Curricularização da Extensão: compromisso social e inovação acadêmica. In: SILVA, Antonio Wardinton; FRANCO, Paulo Fernando Campbell (orgs.). **Curricularização da extensão: compromisso social e inovação**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2020. p. 24-35. Disponível em: <https://forext.org.br/curricularizacao-da-extensao-compromisso-social-e-inovacao/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes.; AYOUB, Eliana. Por entre as brechas dos muros da universidade: O circo como componente curricular na formação inicial em Educação Física. **Revista Portuguesa de Educação**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 59–87, 2017. DOI: 10.21814/rpe.11867. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/11867>. Acesso em: 13 out. 2023.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; MENDES, Francisco Fabiano de Freitas; SILVA, Etevaldo Almeida. Curricularização da extensão em prol de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Conexão UEPG**, v. 14, n. 3, p. 334-342, 2018. <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/11018>. Acesso em: 23 mai. 2019.

ROSA, Suely; LETA, Jacqueline. Tendências atuais da pesquisa brasileira em Educação Física. Parte 2: a heterogeneidade epistemológica nos programas de pós-graduação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, p. 7–18, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/LPPw8nQKBvyf48vS7yKChLK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2019.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS RODRIGUES, Gilson *et al.* A extensão atividades circenses: notas sobre um encontro formativo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.28, n. 2, p.1-15, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v28i2.10584>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SILVA, Junior Vagner Pereira da; GONÇALVES-SILVA, Luiza Lana; MOREIRA, Wagner Wey. Produtivismo na pós-graduação. Nada é tão ruim, que não possa piorar. É chegada a vez dos orientandos! **Movimento**, [S. l.], v. 20, n. 4, p. 1423–1445, 2014. DOI: 10.22456/1982-8918.46187. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/46187>. Acesso em: 11 out. 2023.

SOUZA, Severino; FRANCISCO, Ana Lúcia. Aproximações entre fenomenologia e o método da cartografia em pesquisa qualitativa. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde**, v.2, p.120-129, 2017. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1201>. Acesso em 3 out. 2021.

TREVIZAN, Mayara; CHAGAS, Paula Izabella; KRONBAUER, Glauca Andreza. Circo em contextos – diálogos entre a cultura e a extensão universitária. **Revista Conexão UEPG**, v.14, n.1, p.130-139, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.14.i1.0017>. Acesso em: 10 jun . 2019.

TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto. O que é ‘circular’? Fundamentos para metodologia de iniciação ao circo. **Repertório**, [S. l.], v.23, n.35, p. 87-114, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/r.v1i34.35669>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ZAIM-DE-MELO, Rogério. Vai, vai, vai começar a brincadeira. **Revista Em Extensão**, v.18, n. 2, p. 178-185, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REE-v18n22019-47997>. Acesso em: 12 ago. 2021.